

Relatos de Experiência



Visualidade e visibilidade da EJA do CAP/UFRGS



Katiuci Pavei*

Resumo:

O Projeto Visualidades da EJA, realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, envolveu estudantes do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos. Escolhemos o uso da imagem como dispositivo de ampliação da visibilidade do mundo escolar, sob o foco dos atores sociais da EJA, enquanto sujeitos de ação e criação. Nessa primeira fase, o objetivo foi proporcionar encontros de introdução e de prática fotográfica, orientados por assuntos disparadores de reflexões e potencializadores de imagens da escola e sobre a escola. Desenvolvida pela disciplina de Sociologia, a proposta era de expressar, por meio do texto visual, as possíveis respostas para a seguinte questão: O que a escola é para você? Percebemos um forte envolvimento dos/as participantes, observado no número elevado de fotos e na satisfação ao realizarem as atividades. As variadas, criativas e originais fotografias foram socializadas à comunidade escolar.

Palavras-chave:

EJA. Educação de Jovens e Adultos. Escola. Imagem. Ensino de Sociologia.

Resumen:

El Proyecto EJA Visuals, llevado a cabo en el Colegio de Aplicación de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul, involucró a estudiantes de Educación Primaria y Secundaria en Educación de Jóvenes y Adultos. Elegimos el uso de la imagen como un dispositivo para aumentar la visibilidad del mundo escolar, bajo el enfoque de los actores sociales del EJA, como sujetos de acción y creación. En esta primera fase, el objetivo era proporcionar encuentros introductorios y práctica fotográfica, guiados por sujetos reflexivos y potenciadores de la imagen de la escuela y la escuela. Desarrollada por la disciplina de Sociología, la propuesta fue expresar, a través del texto visual, las posibles respuestas a la siguiente pregunta: ¿Cuál es la escuela para usted? Notamos una fuerte participación de los participantes, observada en el alto número de fotos y en la satisfacción al llevar a cabo las actividades. Las fotografías variadas, creativas y originales fueron socializadas a la comunidad escolar.

Palabras-clave:

EJA. Educación de Jóvenes y Adultos. Escuela. Imagen. Enseñanza de la Sociología.

* > Licenciada e bacharel em Ciências Sociais, mestre em Educação, professora de Sociologia da Educação de Jovens e Adultos do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: katiucipavei@ufrgs.br.

Introdução

Primeiros *flashes*

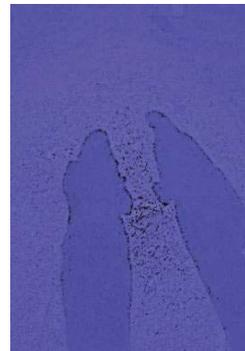
Primeiro dia de aula. Entardecer. A escola em alguma hora irá dormir, mas não será agora. Luzes são acesas, mas nem todos lugares estão iluminados. Neste meio claro e meio escuro algumas pessoas vão chegando aos poucos. Perto das sete horas já são muitas. Vêm a pé, de ônibus, motos e carros, já não se vê lotações escolares. Nos corredores, antes silenciosos, escuto passos e conversas, mas não correria, rodinhas de mochilas ou a gritaria ecoada pelo dia, são sons mais baixos e passos com movimentos mais contidos. Mas quem são essas pessoas que em breve serão os meus alunos e as minhas alunas, que juntos coabitaremos esse lugar? Busco na internet imagens, coloco palavras-chave como “escola”, “colégios”, “escola e estudantes”, “estudantes educação básica”, “estudantes ensino fundamental”, “estudantes ensino médio”, “escolares”... e encontro apenas crianças e adolescentes. Toca o sinal, vou para a sala de aula e encontro rostos não familiares às imagens que pesquisei. Mas, por quê? São estudantes, mas suas idades diferentes, corpos adultos, com vinte, trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta anos de trajetória de vida. Penso: seria essa escola única? Ou esses rostos não são (re)conhecidos no imaginário social como estudantes de educação básica? Seriam, de certa forma, sujeitos invisibilizados socialmente? Mas, se eu os vejo, como tornar visível o que é visível para além deles(as) mesmos(as) e das demais pessoas que trabalham diretamente neste recorte espacial e temporal da escola noturna? Então reflito: de que maneiras a escola (re)acolhe àquelas e àqueles que um dia, há pouco ou há muito, muito tempo, por motivos diversos, tiveram que se afastar dela. E eu, como posso contribuir nesse processo... (Diário de campo da autora).

Figura 1 – Estão aí



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 2 – Basta olhar



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 3 – Com atenção



Fonte: Elaborada pela autora.

Durante os últimos quatro anos, trabalhando na Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAP/UFRGS), percebemos nos encontros com os/as estudantes e observações das dinâmicas cotidianas, que não havia nenhum/a representante estudantil no centro acadêmico e que a maioria dos/as alunos/as não participava das festividades escolares anuais (que envolviam todas as turmas que compõe a instituição). Em conversas, nas quais buscamos entender os motivos para ausência, apareciam questões como não saberem da realização dessas atividades ou por não se sentirem plenamente integrantes da escola. Aliás, esse último motivo também era narrado como impeditivo no movimento de reivindicação de oferta e de melhorias de serviços realizados na instituição. A sensação que os discentes passavam era de uma existência escolar realizada na penumbra, algo que incomodava e engendrava inquietações.

Afinal, como conhecer os/as alunos/as, suas motivações e compreensões do estar sendo (novamente) estudante? Como planejar atividades pedagógicas nas quais essas pessoas sejam visibilizadas, conhecidas e reconhecidas? Atividades essas que também

abordem as percepções desses/as jovens, adultos/as e idosos/as sobre o retorno à escola e ao cotidiano escolar. Como propor um pensar e um repensar sobre o ser estudante da EJA, por meio de uma linguagem atrativa?

Uma dessas tentativas apresentaremos neste texto, por meio do relato de uma experiência pedagógica inspirada em Loponte e Mossi (2018), que buscou potencializar olhares que se cruzam: a EJA e a escola, reafirmando o lugar da instituição escolar como uma possibilidade de reinvenção de si. A proposta foi de provocar reflexões e narrativas que convocassem imagens e, assim, utilizar fotografias produzidas pelos/as envolvido/as no processo como catalisadoras de possíveis problematizações sobre os sujeitos estudantis, seus lugares na educação, seus espaços no âmbito escolar, além dos seus olhares de si, do coletivo e da própria escola. Por fim, socializar essas produções imagéticas, buscando ampliar a visibilidade e a visualidade desta modalidade de ensino ofertada pelo CAP/UFRGS.

Conforme o Censo Escolar 2017 (INEP, 2018), eram 3,6 milhões de alunos matriculados na EJA de escolas brasileiras. Não obstante este número expressivo, percebo uma escassa visualidade desses e dessas estudantes, o que considero que pode estar intrinsecamente relacionada a uma própria condição de sua (in)visibilização enquanto sujeitos da Educação Básica e de direitos sociais. Invisibilizar, explica Eggert (2009, p. 22): “[é] uma ação, um ato contínuo, uma aprendizagem”. Processo social esse que, conforme alerta Paim (2018) faz com que “[a] invisibilização induz a noção da não existência”.

Assim como percebemos que é o status da Educação de Jovens e Adultos enquanto política educacional brasileira e seus sujeitos escolares, algo que fica nas sombras ou no escuro social. O que conduz a outras questões: poderiam esses/as estudantes ter uma reduzida visualidade social associada à invisibilidade social por seus corpos denunciarem o rompimento de suas trajetórias escolares iniciais, causado por questões que extrapolam as suas vontades individuais?

Afinal, ao não vê-los — jovens, adultos e idosos da EJA — consegue-se evitar de vir à tona as múltiplas razões que motivaram a interrupção dos estudos, tais como necessidade de trabalho e subsistência, proibições dos pais, violências domésticas e públicas, ajuda nos afazeres da casa, cuidados com os filhos e familiares, escolas excludentes, entre outras. Portanto, permanecem na obscuridade a denúncia da estrutura social brasileira, historicamente pautada na violência, na intolerância, na desigualdade e na inexistência de políticas públicas intersetoriais que sejam eficazes e contínuas na manutenção de crianças e adolescentes nas escolas.

Alerta-se para a imensa demanda em potencial da EJA, isto é, àqueles/as brasileiros/as que ao terem saído das escolas, ainda não conseguiram (ou nunca conseguirão) retornar. Conforme L. Soares, Silva e R. Soares (2015, p. 1):

Dados do IBGE de 2013, indicam que do total de 200 milhões de brasileiros, cerca de 56 milhões não tem o Ensino Fundamental completo. Ou seja, a cada três brasileiros com idade acima de 15 anos, um não conseguiu concluir o nível mais elementar da educação em nosso país.

Já quanto a própria escola e a seleção dos conteúdos do currículo, segundo Santomé (1995), arbitrariamente se decide o que é considerado importante para ser ensinado, sendo que as culturas e vozes de determinados grupos sociais minoritários — como os jovens, terceira idade, trabalhadores, pobres — costumam ficar *ausentes*, ser *silenciadas* ou pior, quando presentes, esses grupos são apresentados de forma estereotipada e deformada, para que, dessa forma, sejam anuladas as possíveis reações e contestações. De outro modo, podem ser representados de forma homogênea, sem singularidades, sem identidades, sem subjetividades.

Mas como romper com essa lógica perversa? Lógica essa que massifica, ignora ou nega: a diversidade (intergeracional, social, cultural, de gênero, de sexualidades, de cor/raça, etnia, religiosa, laboral, entre outras), o processo de juvenilização, as imagens, os olhares, as percepções, as representações, as histórias, os saberes, os valores e as subjetividades daqueles e daquelas estudantes que, de certa forma, permanecem no escuro social. Jovens, adultos/as e Idosos/as que muitas vezes são estereotipados/as e narrados/as como aqueles/aquelas que outrora abandonaram os estudos e que, mesmo tendo retornado, ainda permanecem aquém do rendimento idealizado, infrequentes e descompromissados/as.

Acreditamos, assim como Dalla Zen e Hickmann (2013), que o currículo escolar, e que nesse caso especial o currículo da EJA, enquanto o que é vivido e narrado, precisa ser acolhedor, pautado na escuta e no olhar observador de quem são os/as alunos/as, construindo novas linguagens, narrativas e atravessamentos.

Para tanto, o currículo é aqui entendido conforme orienta Hernandez (2013), como capaz de produzir um novo regime de visualidade que possibilite um olhar ampliado sobre a escola e seus sujeitos, que podem estar atualmente invisíveis, por não serem valorizados nem considerados como tal.

Essas proposições e reflexões servem como ponto de partida da defesa da importância dos/as estudantes da EJA: serem vistos/as e verem-se, de serem reconhecidos/as e reconhecerem-se, de serem valorizado/as e valorizarem-se. Isso tudo enquanto sujeitos de saberes, que resistem aos movimentos de exclusão social e escolar e que lutam por escola, pela efetivação do direito fundamental subjetivo à educação e aos demais direitos individuais, coletivos e sociais humanos.

Vislumbramos a cultura visual como um possível caminho pedagógico nessa ruptura da lógica, que coloca os/as estudantes da EJA na escuridão social, buscando inspiração em Hernandez na tentativa de

[...] incorporar problemática que estiveram fora da área de interesse da educação escolar, em especial os efeitos que as formas de educar têm sobre a construção da subjetividade [...] dos adultos... Reconhecer esses efeitos para gerar relatos alternativos ou em diálogo com os existentes é uma maneira pelas quais a pesquisa com e sobre imagens coloca políticas de subjetividade como um espaço central para explorar, debater e gerar relatos visuais e performativos que contestem os hegemônicos. (HERNANDEZ, 2013, p. 90-91).

Escolhemos o uso da imagem, especificamente da fotografia, como dispositivo de ampliação da visibilidade do mundo escolar e das relações estabelecidas sob o foco dos/as atores sociais envolvidos com essa modalidade de ensino no nosso colégio, enquanto sujeitos de ação e criação. Bello (2016) traz a reflexão de que a experiência fotográfica é entendida como uma prática viva, que produz pensamento e conhecimento, sendo que, a partir dela é possível pensar e propor outras formas de experiência em educação.

Conforme destaca Coelho (2015, p. 330), “[n]a produção de imagens do cotidiano, o uso da fotografia como dispositivo é uma tentativa de possibilitar um olhar mais profundo ao ambiente e de adentrar nesse labirinto de modo que possa inventar e reinventar desvios, imagens, gestos e mover-se nas malhas da temporalidade”. E assim continua a mesma autora: “[a] fotografia promove a interação social, sendo uma forma de partilhar experiência” (COELHO, 2015, p. 334).

Se a fotografia materializa as imagens mediante exposição luminosa, também ela poderá lançar luz sobre questões, provocando reflexões e narrativas sobre os sujeitos da EJA, seus lugares na educação, seus espaços no ambiente escolar, seus olhares sobre a escola, seus entendimentos do coletivo estudantil, de trabalhadores/as e de si.

Como pressupostos também nos embasamos em Freire em sua proposta de “[a]través da sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais” (FREIRE, 1981, p. 108), no sentido que esses grupos sociais podem-se reconhecer-se como construtores ativos de sua trajetória na instituição escolar.

Para tanto, aceitamos a convocatória de Larossa *et al.* (2017, p. 249) de colocarmos no exercício de repensarmos a escola amorosamente e de a olharmos atenciosamente, rompendo com os discursos que a colocam como “um lugar anacrônico, obsoleto, desagradável e ineficaz [...] comum [...] prescindível”, estimulando “um olhar cuidadoso e deliberado, capaz de produzir uma experiência intensa, envolvente, mediativa” (LÓPEZ, 2017, p. 227).

Visualidades em foco

Perceber que a escola continua sendo um lugar para transmitir informação em massa, que pode gerar submissão, mas também resistência e possibilidade de ser, pode ser o primeiro passo para ensaiar outras posições e começar a escrever novas narrativas. (HERNANDEZ, 2013, p. 91-92).

Figura 4 – Olhares do CAp 1



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 5 – Olhares do CAp 2



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 6 – Olhares do CAp 3



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 7 – Olhares do CAp 4



Fonte: Elaborada pela autora.

O Projeto *Visualidades da EJA* foi realizado junto aos/às estudantes das turmas de Sociologia do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da Educação de Jovens e Adultos no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp/UFRGS), entre

novembro de 2018 e abril de 2019¹. Cabe salientar que esse colégio é público, que atende estudantes de Porto Alegre e Região Metropolitana, cujo ingresso dos(as) novos(as) alunos/as ocorre no início de cada período letivo, semestral para a EJA, sendo a seleção realizada somente pelo meio democrático de sorteio público, em sessão aberta com a presença dos(as) inscritos(as). As vagas universais são divulgadas através de edital publicado no site na instituição e amplamente divulgado². Inicialmente foram realizados encontros de formação e de prática fotográfica, ambos sob a mediação do fotógrafo, artista e professor Carlos Augusto Maahs. No primeiro dia foi ministrada uma aula sobre os princípios básicos da fotografia, envolvendo os ensinamentos sobre o tripé: luz (diafragma) velocidade/tempo (obturador), qualidade (ISO), bem como composição. Os/as 61 participantes aprenderam a melhor manusear suas câmeras fotográficas e aparelhos celulares.

Já o segundo encontro foi dedicado à atividade de registros pelo colégio. Como suporte técnico disponibilizamos cinco câmeras semiprofissionais, além do uso dos próprios celulares. Para tanto, utilizamos como inspiração o exercício de *derivas* para “desenhar a escola” concebido por Larrosa *et al.* (2017, p. 251):

Desenhar a escola, então, tem a ver com fazer com que a escola apareça, se torne fenomênica, se torne sensível. Desenhar a escola é *des-velar* ou *re-velar* a escola. Mas a forma da escola não está oculta, e sim na própria escola, e a única coisa que precisamos fazer é olhar para ela com atenção. Por isso desenhar a escola seria re-velar ou des-velar o que já está aí ou, nas palavras de Jan Masschelein, *fazer visível o visível*.

A ideia era que buscassem expressar por meio do texto visual, as possíveis respostas para a seguinte questão: “O que a escola é para você?” Como guia propomos que caminhassem lentamente e observassem atentamente o espaço escolar (a paisagem, os lugares, os objetos, as pessoas, as atividades realizadas, o cotidiano), seguido do registro do que mais chamava a atenção e os prendia por mais tempo, na tentativa de capturar os sentimentos despertados.

Como resultados dessa ação pedagógica podemos destacar um forte engajamento dos/as participantes, totalizando 697 fotografias³. Cada estudante enviou pelo menos uma foto, que compôs a minixposição montada em painel na escola, como fechamento do ano letivo da EJA. Na sequência, em data próxima ao aniversário do colégio (14 de abril de 2019), em um espaço organizado no saguão com *Datashow* e tela, todas as produções ficaram expostas durante a festa com as turmas, docentes e direção. Por fim, foi lançado o convite à participação no *Concurso Fotográfico Olhares do CAP 2018* em comemoração ao 65º aniversário do CAP/UFRGS. Percebemos, por meio da lista dos/as finalistas, que estudantes envolvidos/as na atividade tiveram suas imagens selecionados/as, essas que ficaram ilustrando o *banner* do site do Colégio durante o ano de 2019. Nessas situações as produções dos/as alunos/as puderam ser socializadas com a comunidade escolar.

No entanto, diante do tamanho deste texto aqui será feita uma breve análise do conjunto total de trabalhos produzidos na ação. Optamos por apresentar apenas as imagens que estão públicas e com cessão de direito de exibição, disponíveis na página da instituição, bem como, os relatos dos/as respectivos autores/as, que foram colhidos após o resultado final do referido concurso⁴.

1 > Cabe salientar que tal projeto também teve uma parte realizada enquanto ação de extensão, pois envolveu servidores/as da instituição (professoras e técnicos/as administrativos/as) e monitores/as acadêmicos/as que atuavam na Educação de Jovens e Adultos, bem como ex-alunos da EJA.

2 > Sobre ingresso e editais, acessar o site do CAP/UFRGS, disponível em: <https://www.ufrgs.br/colégiodeaplicacao/editais-de-ingresso>. Acesso em: 22 dez. 2018.

3 > Agradecemos à professora Rute Vera Maria Favero pelo auxílio na composição do banco de imagens.

4 > No início da atividade foi explicado o compromisso ético da proposta pedagógica, que também serviria como fonte de informações para relato de experiência docente e apresentação em evento, cujos fins são estritamente acadêmicos. Vale a pena lembrar que todos/as estudantes ao realizarem a matrícula no CAP/UFRGS são informados sobre o perfil particular dessa instituição escolar, enquanto espaço de desenvolvimento de experiências pedagógicas, pesquisas e extensão. Neste caso específico, por tratar de imagens produzidas pelos/as estudantes e assim, garantir o direito à autoria, os nomes verdadeiros dos/as mesmos/as aparecem em suas respectivas fotografias e em seus relatos, após manifestarem ciência e concordarem com a escrita deste texto.

Os olhares dos/as estudantes da EJA

Figura 8 – Olhares do CAP 5



Fonte: Elaborada pelo estudante José Roberto da Silva.

Figura 9 – Olhares do CAP 6



Fonte: Elaborada pelo estudante José Roberto da Silva.

Figura 10 – Olhares do CAP 7



Fonte: Elaborada pelo estudante Giácomo Bittencourt.

Figura 11 – Olhares do CAP 8



Fonte: Elaborada pelo estudante Giácomo Bittencourt.

Figura 12 – Olhares do CAP 9



Fonte: Elaborada pelo estudante Darciso Justo.

Figura 13 – Olhares do CAP 10



Fonte: Elaborada pelo estudante Darciso Justo.

Figura 14 – Olhares do CAP 11



Fonte: Elaborada pelo estudante Luis Henrique Monteiro.

Figura 15 – Olhares do CAP 12



Fonte: Elaborada pelo estudante José Roberto da Silva.

Figura 16 – Olhares do CAP 13



Fonte: Elaborada pela estudante Odete Bernardo.

Figura 17 – Olhares do CAP 14



Fonte: Elaborada pela estudante Alice Mara da Rosa.

Figura 18 – Olhares do CAP 15

Fonte: Elaborada pela estudante Alice Mara da Rosa.

Figura 19 – Olhares do CAP 16

Fonte: Elaborada pelo estudante José Roberto da Silva.

Figura 20 – Olhares do CAP 17

Fonte: Elaborada pelo estudante Giácomo Bittencourt.

Figura 21 – Olhares do CAP 18

Fonte: Elaborada pela estudante Odete Bernardo.

Ao analisar o conjunto de imagens, percebemos que a maioria retratava a natureza no CAP, que marca a paisagem intramuros e do ambiente que circunda o colégio. Animais como aves (quero-quero, caturritas, pombas e garças), répteis (lagartos), insetos (borboletas) e plantas variadas como vasos de flores, árvores (frutíferas, floridas ou não) plantadas no pátio ou as que encobrem os morros e/ou a região mais alagadiça próximos. Cumpre destacar que o colégio fica localizado no Campus do Vale da UFRGS, distante da região central de Porto Alegre, quase na divisa com o município de Viamão, ao lado de um conjunto de morros de preservação ambiental (Morro Santana) e de uma área plana de pântano, cercado, portanto, de vegetação nativa e habitat de diversos animais. Acompanhando os/as participantes durante os seus registros, pode ser ouvidas expressões de como era belo o lugar e que, ao sair do ônibus e entrar no colégio, pareciam entrar em uma outra dimensão, mais calma, longe do agito e do barulho da cidade. Como explica as suas escolhas de imagens o aluno José Roberto Ferreira da Silva, “[o] que me chamou a atenção é que o Colégio de Aplicação está no meio da natureza. É muito difícil uma escola ser assim. Tem muito tipo de bicho” (Figuras 9 e 19).

Uma segunda categoria que gerou muitos registros foi a estrutura física da escola, bem como os múltiplos espaços nos quais os/as estudantes se sentiam mais à vontade e acolhidos para estar, seja nos momentos de aulas, seja nos momentos de sociabilidade com colegas e professores/as. Portanto, observamos que chamava a atenção as construções e a estética física, mas e, sobretudo, a questão simbólica do engendrava um sentido maior e mais profundo para àquele conjunto arquitetônico (prédio, salas, quadras de esporte, biblioteca, horta) e de objetos ou materiais escolares (mesas, cadeiras, bancos, livros, etc.), que representavam o recomeço dos estudos e as novas interações sociais estabelecidas. Vai nos dizer os estudantes Darciso Justo: “[a] intenção era mostrar a frente e o nome do colégio que eu estudei. É algo importante porque eu voltei a estudar tarde” (Figuras 12 e 13) e José Roberto Ferreira da Silva: “[e]u me baseei com o meu recomeço de trajetória na escola, que eu não imaginava estar estudando novamente. Eu aprendi muita coisa” (Figuras 8 e 15).

O terceiro grupo de fotos, nomeado como *As pessoas que constituem a EJA do CAP* revelava o próprio momento da oficina, com cenas da atividade nas quais os/as participantes estavam fazendo seus cliques, se organizando e/ou posando para colegas. O que foi considerado ser uma demonstração de espírito coletivo e de autovisibilidade, sendo

protagonistas da ação e dos instantes criativos. A questão da escola como sendo um lugar onde conheceram pessoas e fizeram amizades, sendo a ajuda entre colegas fundamental para dar força e evitar que desistam era narrado por muitos/as estudantes.

Assim como, diversas fotografias envolviam imagens de cenas nas quais os/as estudantes estão demonstrando os seus saberes engendrados pela/na escola, como lendo, escrevendo ou pesquisando em computadores. Sendo essas últimas realizadas pelos/as estudantes adultos e idosos, com idade mais avançada e que estavam a mais tempo distantes dos bancos escolares, o que nos induz a pensar o quanto o retorno aos estudos potencializa novos aprendizados. Nas conversas foram destacados que o colégio representava o momento vivido de busca por mais conhecimento e assim, novos projetos futuros poderiam ser traçados, tais como continuidade de estudos por meio de cursos técnicos ou faculdades, troca de empregos ou promoções dentro da carreira, entre outros. Assim como nos explica o aluno Luis Henrique Cavalheiro Monteiro sobre a biblioteca: “[l]ugar favorito do Aplicação” (Figura 14).

A quinta e última categoria de imagens, intitulada *Produções dos sujeitos escolares*, encontramos retratados os trabalhos escolares realizados por eles/elas ou por outros/as estudantes, tais como: grafites, quadros, painéis, instalações, que estavam em exposição pelo colégio, ou ainda, cena de teatro, instrumento musical, indicando a autoria vinculada ao melhoramento da autoestima e o autoreconhecimento. Como comenta a aluna Odete de Oliveira Bernardo: “[p]are, olhe e observe. Os trabalhos dos estudantes parecem chamar a atenção. É muito legal a capacidade que cada um tem quando se esforça. E quando o professor valoriza isso. Em cada etapa, mesmo a mais simples” (Figura 16).

Clique final

Consideramos que a dinâmica exposta teve a capacidade de cativar os/as estudantes através de reflexões individuais e coletivas. Optou-se por uma linguagem em especial, a imagética, por meio de registros fotográficos realizados pelos/as participantes. Acreditamos que com essa metodologia foi possível realizar uma proposta que vem ao encontro dos ensinamentos de Freire, o qual destaca:

Aí está uma das tarefas da educação democrática e popular, da Pedagogia da esperança — a de possibilitar nas classes populares o desenvolvimento de sua linguagem, jamais pelo blabláblá autoritário e sectário dos “educadores”, de sua linguagem, que, emergindo da e voltando-se sobre sua realidade, perfile as conjecturas, os desenhos, as antecipações do mundo novo. Está aqui uma das questões centrais da educação popular — a da linguagem como caminho de invenção da cidadania. (FREIRE, 1992, p. 20).

Nesse sentido, visualizamos a possibilidade dos/as educandos/as (re)pensar e (re) significar a escola a partir da pluralidade de suas vivências, fazendo assim com que o ambiente escolar ganhe uma multiplicidade de sentidos. Almejamos construir novos projetos voltados para a reflexividade dos/as estudantes acerca da sua posição no ambiente educacional, no sentido de colocar-lhes como sujeitos ativos e pensantes de sua própria condição discente. Assim como Arroyo aponta para a radicalidade pedagógica da educação de jovens e adultos proposta por Paulo Freire,

Coloca-nos como ponto de partida aproximar-nos de como os educandos pensam-se, sabem-se, inquietam-se por saber mais de si, de seu lugar no mundo, nas relações sociais. (ARROYO, 2017, p. 8).

Concluimos esse texto e essa fase do Projeto acreditando que a ação pedagógica pode ampliar a visibilidade e a visualidade desta modalidade de ensino (EJA) ofertada pela instituição. Esses momentos de diminuição de ritmo da correria diária nos oportunizou um olhar e uma escuta mais atenciosa da nossa escola e dos sujeitos que a compõe, sejam eles /as estudantes recém-chegados ou que, em breve, sairiam enquanto formados/as.

Referências

ARROYO, Miguel. *Passageiros da noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida mais justa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BELLO, Oscar Yecid. *De la experiencia fotográfica a los espacios extracurriculares: otros modo para pensar la educación y el arte entre Brasil y Colombia*. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

COELHO, Roseane Martins. Imagens fotográficas como dispositivo na formação de professores de artes visuais. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (org.). *Arte, educação e cultura*. 2. ed. ver. e ampl. Santa Maria: Editora da UFSM, 2015. p. 329-339.

DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; HICKMANN, Roseli Inês. Currículo e diferenças: “invenções” sobre ensinar e aprender. In: TRAVERSINI, Clarice; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost; FABRIS, Elí Terezinha; DAL’LIGNA, Maria Cláudia (org.). *Currículo e inclusão na escola de ensino fundamental*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013. p. 21-32. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/Ebooks/Pdf/978-85-397-0376-0.pdf>. Acesso em: 4 maio 2018.

EGGERT, Edla. *Narrar processo: tramas da violência doméstica e possibilidades para educação*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2009.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisa sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). *Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação*. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 77-95.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). *Censo escolar 2017: notas estatísticas*. Brasília, DF: MEC, 2018.

LARROSA, Jorge *et al.* Desenhar a escola: um exercício coletivo de pensamento. In: LARROSA, Jorge (org.). *Elogio da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 249-270.

LÓPEZ, Maximiliano Valério. Filmar a escola: teoria da escola. In: LARROSA, Jorge (org.). *Elogio da escola*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 225-233.

LOPONTE, Luciana Gruppelli; MOSSI, Cristian Polletti. *Imagem e educação: arte, escola, pesquisa*. Seminário ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2. sem. 2018.

PAIM, Elison. *Dos tempos intolerantes/tempos de diálogo: possibilidades decoloniais para uma educação outra*. Palestra apresentada no 1º Encontro Nacional de Estudos Latino-Americanos, Porto Alegre, 9 out. 2018.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 159-177.

SOARES, Leôncio José Gomes; SILVA, Fernanda Rodrigues; SOARES, Rafaela Carla e Silva. Educação de jovens e adultos e propostas curriculares: (re)conhecer especificidades dos sujeitos. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 37., 2015, Florianópolis. *Biblioteca*. Florianópolis: UFSC, 2015. GT18/EJA. Disponível em: <http://www.anped.org.br/biblioteca/item/educacao-de-jovens-e-adultos-e-propostas-curriculares-reconhecer-especificidades-dos>. Acesso em: 4 maio 2018.

<https://doi.org/10.22456/2595-4377.95459>